

FEITURAS FEMININAS: MEMÓRIAS E IDENTIDADES NAS NARRATIVAS DE GUIMARÃES ROSA E DE MIA COUTO

Ivani Maria Pereira¹

Resumo: Esta comunicação propõe observar as questões relativas à construção, ou melhor, às construções narrativo-poéticas das protagonistas nas tramas dos escritores Guimarães Rosa e Mia Couto, cujas obras em muitos aspectos se aproximam. Foram escolhidos dois contos, "Esses Lopes" e "A saia almarrotada", este da obra *O Fio das Missangas*, de Mia Couto, e aquele da obra *Tutameia*, de Guimarães Rosa; neles, especificamente, conteúdos relevantes e solícitos de um trabalho analítico e consciencioso para várias áreas de estudo, especialmente, para a literatura, como Memórias e Identidades serão estudados. Portanto, tem-se como *corpus* desta pesquisa os olhares lançados sobre a performance das personagens principais em uma perspectiva cultural.

Palavras-chave: Conto narrativo-poético; Guimarães Rosa e Mia Couto; Identidades e Memórias; personagens femininas.

As estórias

Antes de iniciar a discussão teórica e analítica, é interessante e fundamental para a proposta deste trabalho uma breve "contação" do enredo das narrativas. O primeiro é o conto "Esses Lopes" inserido na coletânea *Tutameia* do escritor Guimarães Rosa, publicada em 1967; e o segundo, "A saia almarrotada", um dos 29 contos da obra *O fio das Missangas* do escritor moçambicano Mia Couto, publicada em 2003.

Em "Esses Lopes", a estória é de Flausina que, ainda menor de idade, foi praticamente raptada pelos Lopes, e obrigada a viver na companhia deles. Os homens da família Lopes - rudes, machistas e violentos - eram forasteiros que se apoderaram da região onde a menina - inocente e sonhadora - vivia com a família. Depois do casamento com Zé, um dos Lopes, a garota passa a viver sob o cabresto dele, mas consegue, servindo-se de artimanhas, livrar-se do primeiro marido.

A partir desse momento, Flausina passa a ser alvo de disputas do irmão e tio do falecido marido, e destes também consegue se livrar, com estratégias muito bem arquitetadas, principalmente, sob o ponto de vista narrativo-poético do autor. Após a morte dos Lopes, tio e cunhado, um outro homem da família, mais velho, força Flausina a um novo matrimônio. E, mais uma vez, ela consegue acabar com a opressão dos Lopes.

¹ Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: ivanimp8@hotmail.com

Até mesmo os três filhos, frutos dos relacionamentos com os Lopes, Flausina afasta de sua presença. O desfecho é a "renegação" da protagonista com relação a todos os Lopes e a expectativa de outros filhos com um homem, desta vez, escolhido por ela.

Em "A saia almarrotada", a narradora protagonista apresenta sua condição de mulher reprimida, castrada, criada em uma vila, onde as outras mulheres podiam sonhar amores e vestidos, enquanto a ela ensinaram somente a vergonha. O pai e o tio ficaram responsáveis por sua pudica criação - única menina entre a filharada -, pois quando ela nasceu a mãe se calou. Chamada apenas de miúda, nem nome a vida lhe proporcionou, vivendo de migalhas e restos.

Obediente ao pai, vivia a protagonista à espera de um homem "aprincesado". Mesmo quando ganhou um vestido de presente do tio não pôde vesti-lo como faziam as outras mulheres, pois o pai ordenou queimá-lo. Ela não o queimou, enterrou-o, mas sentiu-se queimada, ardendo em chamas, tocada pelo calor incandescente das mãos do homem que viria libertá-la, mas que veio tarde.

No desfecho, mesmo com o pai já morto, ela ainda o obedecia, guardando-se casta. Ela desenterra o vestido e o veste, contudo, ela o arranca e vai ao quintal em direção à fogueira, como foi a vontade do pai, mas ainda com pensamentos teimosos de um homem a contemplá-la, chorando sobre as chamas.

As configurações femininas

Os resultados de criação e de estruturação dos elementos narrativos nos contos "Esses Lopes" e "A saia almarrotada" demonstram, inegavelmente, a utilização de uma diversidade de recursos de composição muito bem elaborados e, mais do que isso, entrelaçados de forma bastante harmônica.

A correlação dos elementos composicionais é tão coadunada que a tarefa de analisar as partes nesses contos é muito complexa, hajam vista as dificuldades de reconhecer, descrever e, sobretudo, orientar-se coerentemente pelas possibilidades interpretativas dos artifícios narrativos empreendidos. Nesse sentido, de antemão, deve-se ressaltar a pretensão labiríntica, mas comprometida com a qualidade das narrativas, de discutir a composição das protagonistas femininas dos contos em uma perspectiva cultural.

Ademais, vale enfatizar que a proposta é percorrer uma trajetória de análise de forma paralela, embora não falte ciência da singularidade de cada personagem, na qual

os pontos possíveis de aproximação na construção narrativa das protagonistas serão evidenciados e refletidos.

As personagens Flausina e Miúda² são também narradoras, isto é, elas contam suas histórias, já sintetizadas neste trabalho, a partir do ponto de vista de cada uma delas. Assim, os leitores têm acesso às informações de uma única fonte. Contudo, isso parece não ser obstáculo, visto que ambas as narrativas prendem a atenção dos leitores de uma maneira fluida.

Desse modo, não há uma preocupação, pelo menos de início, de contestar as experiências compartilhadas. Ao contrário, há uma possibilidade maior de cumplicidade por parte dos leitores, ou seja, de identificação. O recurso cênico, por exemplo, garante que as protagonistas e o público estabeleçam uma relação de coparticipação.

Desde o início dos contos percebe-se que Flausina e Miúda narram como um desabafo, um grito, ou seja, querem ser ouvidas. As estratégias de apresentação são muito importantes para obter esse efeito. No caso do conto "Esses Lopes", as letras maiúsculas: "MÁ GENTE, DE MÁ PAZ" destacam os sentimentos que ressoam e apelam para necessidade da protagonista de falar e, assumidamente, ela quer ter voz: "Quero falar alto".

Nessa mesma perspectiva, no conto "A saia almarrotada", a epígrafe, que evidentemente realiza no conto muitos efeitos, apresenta a narrativa, assumindo a expressão de sentimentos que apelam por atenção: "O estar morto é uma mentira. O morto apenas não sabe parecer vivo. Quando eu morrer, quero ficar morta" (confissão da mulher incendiada). Com uma carga de significação impactante, a epígrafe é uma confissão, ou seja, sentimentos estão sendo revelados.

Sob essa ótica, há evidências de busca por liberdade nas duas situações, e narrar transforma-se em um meio para alcançar esse objetivo. Assim, os leitores assumem o papel de agentes, na medida em que a condição de receptores é insuficiente para os projetos narrativos, pois a dramatização efetiva-se a partir do momento da interação entre "atores" e "espectadores", em outras palavras, a performance só têm sentido quando mais do que assistida, ela envolve o leitor.

Desse modo, o narrar das personagens ganha uma nuance dramática. Isso é muito importante para as duas narrativas que se dedicam à figura feminina. Entretanto,

² A personagem não tem nome, porém deixa evidente ser chamada por Miúda pelos seus familiares. Neste trabalho, adotaremos também esse tratamento.

utilizando-se de recursos que não apenas suscitam um debate da questão, mas oferecem ao leitor a oportunidade de, em alguma medida, experimentar as vivências, isto é, as histórias dessas mulheres aprisionadas por várias razões, especialmente, pelas condições impostas culturalmente.

Nesse ponto, pode-se, então, pensar os elementos que circundam as personagens femininas no que tange às reflexões acerca das questões relativas à cultura. Como esses aspectos, nos contos, são construídos a partir da auto-imagem das próprias protagonistas é bastante pertinente pesquisar a respeito das ideias de identidades e, por extensão, de memórias.

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e - o que é mais importante - deixa um rastro resistente, uma mancha diante de um problema ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda pela identificação torna-se, primeiramente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política (BHABHA, 1998, p 843/84).

A visão de identidade discutida por Homi Bhabha e outros autores colaboram para reforçar a escolha de considerar os conceitos no plural tanto de identidades quanto de memórias, pois o ponto de análise é difuso e, por sua vez, não permite uma visão única e totalitária. Dessa forma, perceber a identificação do leitor já mencionada passa, necessariamente, por várias circunstâncias de significação, as quais envolvem, com certeza, questões culturais.

As marcas de pertença a uma região com tradições arraigadas é, por exemplo, indícios de que das identidades de Flausina e Miúda muito se refletem características e comportamentos provincianos resultantes da forma de viver das pessoas de seus convívios, especialmente, de suas famílias. Elas deixaram rastros significativos, por isso, não se apagaram das suas memórias a auto-imagem de moças recatadas, inocentes e sonhadoras.

A maior prenda que há é ser virgem. [...] Mocinha fiquei sem da inocência me destruir, tirava junto cantigas de roda e modinhas de sentimento. Eu queria me chamar Maria Miss, reproveo meu nome de Flausina [...] Aos pedacinhos me alembro . Mal com dilato para chorar, eu queria enxoval, ao menos, feito as outras, ilusão de noivado. Tive algum? Cortesias nem igrejas (ROSA, 1994, p 563).

Na minha vila, a única vila do mundo, as Mulheres sonhavam com vestidos novos para saírem. Para serem abraçadas pela felicidade. A mim, quando me deram a saia de rodar, eu me tranquei em casa. [...] Única menina entre a filharada, fui educada por meu pai e meu tio. Eles me quiseram casta e guardada. [...] Na lágrima flutuava a carícia desse homem que viria. Esse aprincesado me iria surpreender (Couto, 2009, p 29).

Os trechos, entre outras questões, evidenciam com muita clareza o desejo das personagens pelo casamento, propósito natural para as mulheres daquela cultura. Em decorrência disso, as identidades de mulheres vividas e maduras no momento narrativo, mesmo depois da vida as levarem por caminhos de sofrimento, guardam as recordações de ingenuidade, ilusão e busca pelo homem amado.

Essas figuras femininas desenhadas nas narrativas com contornos identitários tornam-se mais atrativas na medida em que marcam um espaço e um tempo experimentados e, no momento narrativo, revividos pela memória. Daí, "um acontecimento vivido é finito, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois" (BENJAMIN, 1994, p 37).

Assim, o leitor tem a possibilidade de entrar no jogo narrativo, desvendando e, ao mesmo tempo, seguro de que é impossível conhecer plenamente o passado, o presente e o futuro das protagonistas. Imerso ao movimento da forma de narrar, das técnicas e recursos, ele percebe a representação da imagem feminina, pois a identidade e a memória se complementam como material para os autores utilizarem na escrita como resgate, e capazes de transformar uma experiência pessoal em coletiva.

Os recortes dos contos já citados podem ainda exemplificar questões que partem nas narrativas de condições particulares das personagens e podem se polemizarem de forma generalizada, como a ideia de classe social. Ambas as protagonistas evidenciam condições financeiras desfavoráveis como fatores determinantes para ações narradas. A infância pobre destacada pelas narradoras transpassa a ideia de experiência individual e culmina no que muitos estudiosos entendem por experiência coletiva.

Por esse viés, pode-se discutir sobre os conceitos de memória individual e coletiva que, indubitavelmente, são denominações complexas cujas fronteiras, isto é, um plano intermediário entre as duas sofrem variações de acordo com o grau de reciprocidade (RICOEUR, 2007, p 141). Assim, refletir sobre o percurso entre as

experiências contadas pelas protagonistas de forma particular até a recepção dessas práxis de forma global é muito válido para perceber as potencialidades artísticas e de repercussão dos contos.

Não existe, entre os dois polos da memória individual e da memória coletiva, um plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos? Esse plano é o da relação com os próximos, a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto. Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para os quais contamos, estão situados numa faixa de variação nas modalidades ativas e passivas dos jogos de distanciamento e de aproximação que, fazem da proximidade uma relação dinâmica constantemente em movimento; torna-se próximo, sentir-se próximo. Assim, a proximidade seria réplica da amizade, dessa *philia*, celebrada pelos Antigos, a meio caminho entre o indivíduo solitário e o cidadão definido pela sua contribuição à *politeia*, à vida e à ação da polis. Do mesmo modo, os próximos estão a meio caminho entre o si e o se (apassivador) para o qual derivam as relações de contemporaneidade descritas por Alfred Schütz. Os próximos são outros próximos, outros privilegiados (RICOEUR, 2007, p 141).

De fato, para a compreensão mínima dos conceitos de memória individual e de memória coletiva é necessário estudar e confrontar as pesquisas de alguns estudiosos que se dedicaram e dedicam ao tema. Contudo, para as intenções deste trabalho, as ideias de Ricoeur, que na obra *A memória, A história, O esquecimento* defende um trabalho cujo processo de estudo e de retórica é muito consistente, são importantes para perceber como a relação dinâmica promovida pelas narrativas favorece uma aproximação entre quem conta e quem "ouve" as histórias.

Essa memória compartilhada de forma correspondente acentua o valor de pertencimento a uma comunidade, sociedade, condição, o qual faz com que a vida das personagens transformem-se em caricaturas do papel feminino na sociedade de cultura local e até mesmo de cultura global. Com isso, as experiências de Fláusia e de Miúda repercutem em várias possibilidades de debates de questões sociais, como cultura patriarcal, desigualdade de gênero, sexualidade, violência.

As relações identitárias e de memórias nas construções de Rosa e Couto se revestem de mais mestria com a utilização de elementos poéticos nas narrativas, "à memória que repete, opõe-se a memória que imagina" (RICOEUR, 2007, p 44). As

imagens necessárias para recorrer ao passado, no caso das recordações elaboradas de forma muito poética nos contos, são intensificadas e revelam um universo que encanta.

Que em meu corpo ele não mexa fácil. Mas que, por bem de mim, me venham filhos, outros, modernos e acomodados. Quero o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível. De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta de questão das saudades? Eu, um dia fui já muito menininha... Todo o mundo vive para ter alguma serventia. Lopes, não! – desses me arreneço (ROSA, 1994, p 565).

O calor faz parar o mundo. E me faz encalhar no eterno sofá da sala enquanto a minha mão vai alisando o vestido em vagarosa despedida. Em gesto arrastado como se o meu braço atravessasse outra vez a mesa da família. E me solto do vestido. Atravesso o quintal em direcção à fogueira. Algum homem me visse, a lágrima tombando com o vestido sobre as chamas: meu coração, de pois de tudo, ainda teimava? (COUTO, 2009, p 32).

Os contos servem-se de poesia do início ao fim, mas como exemplificação os últimos parágrafos de cada narrativa são bem expressivos para perceber as questões de identidades e de memórias aguçadas por uma composição altamente poetizada. As mulheres em um presente narrativo não podem se desvencilhar do processo de formação de suas identidades nem tampouco de suas memórias, sentimentos.

Nesse sentido, a estruturação literária dos contos em análise, inseridos em uma perspectiva composicional que para estudiosos como, Ángel Rama são exemplos de composição com procedimentos transculturadores³ colaboram para os efeitos estéticos e, conseqüentemente, para a força narrativa, a qual prolonga a voz de quem narra ainda de forma mais rica e interior em um processo de construção e/ou desconstrução, e de não destruição de identidade.

O romance regional [...] tem diante de si o leque de recursos de vanguarda, que inicialmente puderam ser absorvidos pela poesia e logo depois fecundaram a narrativa realista crítica e praticamente engendraram a narrativa cosmopolita, em particular sua vertente fantástica. Dotaram-nas de uma destreza imaginativa, uma percepção inquieta da realidade e uma impregnação emocional muito maiores, embora também tenham lhe imprimido uma visão de mundo fraturada (RAMA, 2001, p 269).

³ Cf.: RAMA, Ángel. *Literatura e Cultura na América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Obviamente os textos de Rosa e Couto não são exemplos fechados dos procedimentos analisados por Ángel Rama e, muito menos, pode-se, sem uma argumentação analítica e teórica mais específica, denominá-los contos regionais, mas pretende-se com essa citação a possibilidade de refletir um pouco mais profundamente sobre o processo muito complexo e bem elaborado dos autores, os quais utilizam-se de recursos narrativo-poéticos que resultam em uma destreza imaginativa.

Nos desfechos dos dois contos é possível apreender uma percepção inquieta da realidade e uma carga emocional muito maiores do que em outras narrativas compostas por elementos narrativos mais comuns como destaca a citação. Isso se deve a um modelo narrativo que, entre tantos procedimentos primorosos, ou melhor, intensamente artísticos, contempla a poesia.

Para pensar também no perfil feminino, os desfechos são poeticamente reveladores de características muito peculiares ao gênero, como por exemplo, a sensibilidade, pela qual as protagonistas revelam seus sentimentos mais íntimos, os desejos. Tanto Flausina quanto Miúda transcendem em suas falas a busca por vivências emotivas, evidenciando uma matéria importantíssima para compor as identidades e as memórias de cada indivíduo.

Considerações finais

As noções de memórias e de identidades são complexas, mas colaboram, certamente, para melhor compreensão de situações, sejam elas das ações diárias sejam elas dos conteúdos literários, ficcionais. Sendo que vale lembrar a estreita relação entre ambas e, mais do que isso, do grande potencial da literatura para perceber e revelar detalhes do comportamento individual e da convivência social.

Por isso, ficou claro que a concepção de cultura é imprescindível quando se quer justamente refletir sobre os fatos narrados, como as estórias engenhadas por Guimarães Rosa e Mia Couto em um perspectiva indissociável com os aspectos de rememorações e de construção de identidades, sobretudo, de perfis. Com efeito, essas combinações fizeram com que a figura da mulher, ou melhor, as configurações femininas alcançassem, nos contos, muitas possibilidades de realização interpretativas e artísticas.

Ademais, não se pode deixar de após a leitura dessas narrativas (re)pensar a condição da mulher na comunidade, na sociedade, ou seja, o seu lugar e tudo que

envolva suas identidades e sua história. Por isso, as ideias de memória individual e memória coletiva são tão relevantes para esse tipo de análise.

As histórias de Flausina e de Miúda partem do nível particular para uma consciência cultural em um jogo narrativo que não lida simplesmente com o debate de temáticas sociais, extrapola para a interação entre texto e contexto. Utiliza-se ainda de elementos composicionais eficientes para o deleite, para vivificar a imaginação e experimentar as histórias de uma forma muito singular a cada leitor.

Portanto, cabe falar que os contos "Esses Lopes" e "A saia almarrotada" se encontram em alguns pontos e, de forma muito marcante, se comunicam no reconhecimento de uma feitura artística, a qual se pode, sem titubear, denominar de prosa poética. As personagens narram como se fizessem tudo que é preciso para fascinar.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica; arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COUTO, Mia. *O fio das Missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

RICOEUR, Paul. *A Memória, A História, O Esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RAMA, Ángel. *Literatura e Cultura na América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.